



A INFLUÊNCIA POLÍTICA NA OBTENÇÃO DE CONCESSÕES DE EMISSORAS DE RÁDIO NO BRASIL

O caso da Rádio Clube de Americana

Paulo Sérgio Tomaziello e José Jorge Tannus Júnior

Unisal - Americana

1. INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação de massa tem influência direta no comportamento cultural da população de uma cidade ou região, adequando-se ou criando costumes que passam a integrar naturalmente na vida do receptor.

Desta forma, um estudo mais aprofundado sobre os meios de comunicação locais e regionais torna-se fundamental para detectarmos tal influência.

As questões técnicas que envolveram a origem das primeiras transmissões para a grande massa da população consagraram o rádio como o primeiro veículo de grande alcance e baixo custo como o principal formador da opinião pública do início do século passado no Brasil.

2. RÁDIO NO BRASIL E NO MUNDO

Vale a pena citar alguns momentos importantes deste veículo pioneiro. A partir de 1919 começa a chamada "Era do rádio". O microfone surge através da ampliação dos recursos do bocal do telefone, conseguidos em 1920, nos Estados Unidos, por engenheiro da Westinghouse¹.

Foi a própria Westinghouse que fez nascer, meio por acaso, a radiodifusão. Ela fabricava aparelhos de rádio para as tropas da Primeira Guerra Mundial e com o término do conflito ficou com um grande estoque de aparelhos encalhados. A solução para evitar o

¹Fonte: <http://www.microfone.jor.br/historia.htm#aerado>



prejuízo foi instalar uma grande antena no pátio da fábrica e transmitir música para os habitantes do bairro. Os aparelhos encalhados foram então comercializados.

A primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil foi o discurso do Presidente Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro, em plena comemoração do centenário da Independência do Brasil, no dia sete de setembro de **1922**. O discurso aconteceu numa exposição, na Praia Vermelha - Rio de Janeiro e o transmissor foi instalado no alto do Corcovado, pela Westinghouse Electric Co.

Para se ter uma idéia de porque a época ficou conhecida como a "Era do Rádio", nos EUA² o rádio crescia surpreendentemente. Em **1921** eram quatro emissoras, mas no final de **1922**, os americanos contavam 382 emissoras.

A chegada do rádio comercial não demorou. Logo as emissoras reivindicaram o direito de conseguir sobreviver com seus próprios recursos. A pioneira no rádio comercial foi a **WEAF** de Nova Iorque, pertencente à *Telephone and Telegraph Co.*. Ela irradiava anúncios e cobrava dois dólares por 12 segundos de comercial e cem dólares por 10 minutos.

O "pai do rádio brasileiro" foi **Edgard Roquete Pinto**. Ele e **Henry Morize** fundaram em 20 de abril de **1923**, a primeira estação de rádio brasileira: **Rádio Sociedade do Rio de Janeiro**. Foi aí que surgiu o conceito de "rádio sociedade" ou "rádio clube", no qual os ouvintes eram associados e contribuíam com mensalidades para a manutenção da emissora.

3. HISTÓRIA DA CIDADE DE AMERICANA

Os primeiros registros sobre a ocupação do território de Americana datam do final do século XVIII e fazem menção a Antônio Machado de Campos, Antonio de Sampaio Ferraz, Francisco de São Paulo e André de Campos Furquim, que se estabeleceram nas terras de Salto Grande, distribuídas ao longo das margens dos rios Atibaia e Jaguari, afluentes do Rio Piracicaba. Cultivavam a cultura de cana de açúcar e aguardente.

² **1896** - **Gluglielmo Marconi** realiza as primeiras transmissões sem fios/ **1922** - Primeira transmissão radiofônica oficial brasileira./ **1923** - **Roquette Pinto** e **Henrique Morize** fundam a primeira emissora brasileira **Rádio Sociedade do Rio de Janeiro**. É feita a primeira transmissão de rádio em cadeia no mundo, envolvendo a WEAF e a WNAC, de Boston. No dia 30 de novembro é criada a Sociedade Rádio Educadora Paulista - PRA-E. **1926** - **John Baird** realiza as primeiras transmissões de imagens/ **1931** - É fundada a PRB 9 - Rádio Record de São Paulo.



Em meados do século passado, crescia o plantio de café e em seguida o de algodão, juntamente com as famosas melancias do tipo "Cascavel da Georgia".

A construção da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, iniciativa dos fazendeiros de café da região, facilitava o escoamento desses produtos regionais. Nesse período, com o loteamento de terras ao redor da estação, pelo Capitão Ignácio Correa Pacheco, formou-se o 1º Núcleo Urbano.

A estação de Santa Bárbara, como se chamava no início, teve sua inauguração em 27 de agosto de 1875, com a presença de D. Pedro II.

A [imigração norte americana](#), a partir de 1865, marca um período de desenvolvimento no campo da agricultura, com o aprimoramento do cultivo do algodão, da educação e em atividades médicas e odontológicas.

Os imigrantes italianos (1887) muito colaboraram nos serviços da lavoura, e posteriormente na indústria têxtil. Construíram a 1ª Igreja de Americana em meados de 1896.

Destacam-se também os imigrantes alemães, com sua Mão de obra especializada, principalmente a família Müller, que com sua visão social democrata, idealizou a vila operária Carioba nas primeiras décadas do século e impulsionou a industrialização do nosso município e da região.

Na década de 1930 iniciou-se em Americana a modalidade de trabalho à facção, o que caracteriza o desenvolvimento da cidade baseado num grande número de pequenas empresas têxteis. Americana passou a ser conhecida como a Capital do Rayon e um dos mais importantes pólos têxteis do país.

A Fábrica de Tecidos Carioba é considerada como berço da industrialização de Americana. Da antiga fábrica, fundada em 1875, concomitantemente com a inauguração da Estação da Cia Paulista de Estradas de Ferro, da qual distava 3 Km evoluiu para a atrativa vila industrial a partir dos primeiros anos deste século.

Local de características ímpares por sua privilegiada situação geográfica, um recanto de rara beleza natural chegou ao apogeu de seu desenvolvimento têxtil, arquitetônico e paisagístico sob a administração da família Müller.

Estes proprietários, de origem alemã, transplantaram para a localidade toda a concepção de urbanização baseada no estilo europeu que se materializou nas edificações das fábricas, residências patronais, hotel, escola, cooperativa e moradias dos operários.



Carioba ao lado da importante atividade têxtil que atraía a mão de obra dos imigrantes estabelecidos na região, oferecia também inúmeras possibilidades de educação e lazer em meio a uma intensa participação cultural. Tornou-se um cartão de visitas para numerosos visitantes tanto do Brasil como do Exterior.

Por várias décadas foi o centro da atividade têxtil que depois se irradiou para a Vila Americana, principalmente a partir de 1940.

As pessoas que aí nasceram e viveram se empenham até o presente pela preservação de todo o conjunto arquitetônico de Vila Carioba. Durante os anos 80, após o pedido de tombamento junto ao Condephaat sido arquivado, acabou tendo grande parte de seus prédios demolidos, notadamente as construções da vila operária.

O acervo remanescente que hoje é de propriedade do Poder Público Municipal uma vez preservado contará às futuras gerações um pouco de nossa história, resgatando para as pessoas que lá viveram um pouco "de seu paraíso".³

4. RÁDIO E POLÍTICA EM AMERICANA

Nas cidades do interior do Brasil este conceito de “rádio sociedade” ou “rádio clube” influenciou o surgimento das primeiras emissoras interioranas que também se utilizavam destas denominações.

Na cidade de Americana, situada no interior do estado de São Paulo, não foi diferente, pois a primeira emissora de rádio instalada foi a “rádio clube de Americana”, fundada em 12 de outubro de 1950 pelo empresário do ramo têxtil e ex-vereador Gê Godoy⁴ que desenvolveu um trabalho político para obter a concessão junto ao antigo Ministério da Viação.

Naquele tempo, as concessões eram difíceis e dependiam de certo “peso” político. Havia um canal de rádio autorizado para a cidade de Americana e o jovem Odaly Ortolano, mais tarde vereador, insistia para que o empresário participasse da concorrência.

Gê Godoy, pertencia ao partido do ex-prefeito de Americana, João de Castro Gonçalves, do PSD. O empresário não se considerava político, mas amigo do prefeito, tendo entrado na política para atender a um pedido do Doutor Castro e com ele esteve quatorze

³Fonte: site oficial da Prefeitura Municipal de Americana:
http://www.americana.sp.gov.br/v2001_2/ct_historia_de_americana.asp?codit=19&codcat=3



vezes ao Rio de Janeiro, então capital do Brasil, para tentar obter a concessão para a instalação da emissora de rádio.

O prefeito de Americana possuía amigos influentes no partido, tais como, os deputados Ulisses Guimarães e Cunha Bueno, além do vice-governador do estado do Rio de Janeiro, Noveli Júnior, que era genro do presidente da República Eurico Gaspar Dutra. Conta Gê Godoy que de início não havia muita vontade do Ministério da Viação “ali existia uma comissão integrada por generais, uns não gostavam da interferência política, outros cediam a ela. Numa das vezes que estive no Rio fui informado da existência de outro pedido do canal para Americana, que havia sido feito pelo jornalista Romeu Mantovani e que contava com o apoio de políticos da situação, os irmãos Feliciano, da cidade de Santos, um deles deputado federal”.

A concessão era fruto de uma acirrada disputa política e em novo contato com Noveli Júnior, desta vez por meio de sua esposa Dona Carmelita, que era filha do presidente Dutra, foram acompanhados até o Ministério e com sua força política de primeira-dama do estado do Rio de Janeiro, conversou com pessoas que tinham poder para decidir e exigiu a concessão para os requerentes. Pouco tempo depois a concessão era liberada, em 1949.

Em Outubro de 1950, a Rádio Clube de Americana começa suas transmissões. A empresa concessionária foi formada por Gê Godoy com 70% das cotas, seu cunhado e sócio da tecelagem Godoy e Sabatini, Narciso Sabatini e Waldemar Martinelli, gerente do Banco Comércio e Indústria com 15% cada um.

A rádio foi instalada em um prédio da Rua Trinta de Julho, adquirido de Hugo Luchiari, onde funcionou anos antes o Cine Bandeirantes. O salão estava ainda com as poltronas do cinema e foi usado ainda, por muito tempo, para programas de auditório da emissora.

A concessão inicial só permitia o funcionamento da rádio até as dezoito horas e este horário limitava muito o trabalho comercial, dificultando a captação de anúncios publicitários. Dizia Gê Godoy “o comércio era fraco e os anunciantes poucos e ainda assim muitos insistiam em pagar com mercadorias, como chapéus, calçados, capas etc. Foi preciso novo trabalho político desenvolvido pelo deputado Cunha Bueno, para conseguir, uns seis meses depois a ampliação do horário de funcionamento”, revelou o primeiro proprietário.

⁴ Pesquisa efetuada junto ao arquivo do Jornal O Liberal de Americana, edição do dia 12/10/1997 p.11.



O principal interesse comercial de Gê Godoy continuou sendo suas duas empresas têxteis e uma casa comercial e não dedicava muito tempo para a rádio. Depois de dois anos, aproximadamente, ele ofereceu a Rádio Clube aos irmãos Duarte. Francisco Pinto Duarte, um dos irmãos, também conhecido por “Chiquinho”, pediu um prazo de vinte dias para dar sua resposta, mas o preço de dois milhões e quinhentos mil cruzeiros ficou acertado.

Vale dizer que os Duarte eram políticos influentes na cidade e quando soube desta negociação, o também político Nicolau Abdala quis comprá-la. Quando da disputa entre os dois grupos políticos, o proprietário na época elevou o valor pedido aos primeiros à soma de quatro milhões de cruzeiros, esperando o prazo dado aos irmãos Duarte findar-se.

O prazo venceu e os Duarte se desinteressaram, apesar do preço inicial ter sido mantido por Gê Godoy para os mesmos. Então, rapidamente o negócio foi fechado com Nicolau Abdala. O recibo foi emitido em valor menor ao que realmente fora pago e esta notícia foi espalhada pela cidade. Representante dos Duarte que imediatamente reagiram à compra exigiu que o negócio fosse desfeito.

No dia seguinte, relata Gê Godoy, “fui chamado pelo industrial Thomaz Fortunato e este interferiu para que a transação fosse desfeita e fechada com os Duarte, que se arrependeram da desistência da compra”. Ficou evidente que a Rádio Clube tinha importância política inequívoca, sendo estratégica na divulgação de ideologias e hegemonia dos políticos que pretendiam governar a cidade, e desta forma, também influenciar na política regional, estadual e nacional.

A partir daí houve a arquitetura de uma “trama” para que Abdala viesse a desistir de sua nova aquisição. Acabou desistindo em poucos dias, convencido pelo gerente da emissora Romeiro Neto que dizia que o recibo que Gê Godoy lhe oferecera não era um documento hábil e Abdala poderia sofrer prejuízos. Declara Gê Godoy, “Avisei o Tomazino (Thomaz Fortunato) que a negociação poderia ser desfeita e venderia para os Duarte, mas o preço já era outro: quatro milhões e meio de cruzeiros. O Zeca Elias, representante do Nicolau Abdala, procurou-me novamente para discutir sobre o documento da compra. Fiquei bravo e perguntei se ele estava desconfiando de mim e que se fosse assim o dinheiro seria devolvido naquele mesmo momento”.

O Elias concordou, e Gê Godoy devolveu o dinheiro da entrada e notas promissórias da parte parcelada, e Elias Fortunato devolveu o recibo que foi rasgado no ato.



A negociação com os Duarte foi garantida por um cheque no valor de hum milhão de cruzeiros que Tomazino dera em garantia e que perderia caso os Duarte não viessem a concretizar o negócio. Toda a cautela nesta nova negociação foi dispensável, pois em seguida os Duarte celebraram sua compra, agora, por quatro milhões e meio de cruzeiros, tornando irrisório o investimento inicial, efetuado dois anos antes no valor de trezentos mil cruzeiros.

No ano de 1959, chegava em Americana, vindo da cidade de Brotas, também no Interior do Estado de São Paulo, o radialista Geraldo Pinhanelli. Geraldo vinha com a incumbência de gerenciar a Rádio Clube, única emissora de rádio da cidade, até então, além de ser seu principal apresentador de programas de auditório que aconteciam, no final dos anos 50, no auditório do extinto Cine Cacique.

Como a política sempre esteve presente nos meios de comunicação da cidade, apesar de sua ainda recente presença em Americana, Geraldo Pinhanelli se viu na qualidade de apresentador e mediador de “estremecedores” debates políticos irradiados pela Rádio Clube e que apoiava a ontológica dobradinha política para prefeito e vice-prefeito de Americana, denominada Cid/Sidério.

Este fato ocorrido em 1959 é um marco significativo do controle político das emissoras de rádio, em especial da Rádio Clube de Americana que se viu envolvida de forma partidária com candidatos à prefeitura que sempre estiveram ligados ao grupo político vencedor da disputa pela concessão da Rádio Clube em 1950.

Em dezembro de 1995, a Rádio Clube de Americana foi adquirida pelo empresário Edilberto de Paula Ribeiro, vice-presidente da Aesp-Associação das Emissoras de Rádio e Televisão do Estado de São Paulo traçando novos rumos para a emissora AM.

Edilberto de Paula, hoje empresário de destaque no ramo de comunicação da cidade afirmou aos pesquisadores que esta influência de políticos na obtenção de concessões de emissoras de rádio e televisão continua existindo até os dias de hoje. Tal fato se corrobora pela sua própria trajetória que ao pretender instalar a primeira emissora de rádio em frequência modulada na cidade de Americana foi surpreendido por outro grupo de políticos que desejavam o mesmo canal.

Apesar de Edilberto ter realizado todo o estudo técnico comprovando a possibilidade da instalação desse novo canal de FM e ter protocolado o projeto junto ao Ministério das Comunicações, o mesmo se viu na necessidade de obter respaldo político junto a deputados e



senadores para penetrar no ramo da radiodifusão, como pode ser visto em sua fala abaixo descrita:

“Fui a Brasília, indignado, procurei o então presidente do senado, Senador José Sarney para quem expliquei as complicações existentes. José Sarney me alertou que o grupo que disputava a emissora de rádio em Americana tinha fortes aliados políticos na região e também em Brasília e que o mesmo seria o vencedor da disputa. Sarney deixou o senado e com a morte de Tancredo Neves assume a presidência da república. Logo após estive em Brasília e em conversa com o presidente o mesmo ofereceu-me a TV Americana e uma outra emissora de FM, mas exigiu em troca que eu apresentasse um grupo forte de políticos respaldando meu projeto. Hoje, sou proprietário da Rádio Notícia AM (antiga Rádio Clube de Americana) e da Notícia FM.”

Apesar de mudanças na administração Edilberto Ribeiro prefere não fazer profundas modificações na emissora, naquele momento, contratando o veterano radialista Geraldo Pinhanelli para dirigi-la. Dizia na época que o veterano diretor não acreditava em concorrência, apesar de admitir que a FM Notícia teria uma programação diferente da que era colocada no ar diariamente. Mudanças e atualização de equipamentos reformulação da programação foram necessárias antes da compra da Rádio Clube.

A Rádio Clube de Americana, depois de mudar duas vezes de endereço, funciona agora na rua Cândido Cruz, esquina com a rua Rui Barbosa, antiga residência de Hildebrando Gobbo. É dirigida pelos proprietários Edilberto de Paula Ribeiro e Geraldo Pinhanelli (antigo radialista de Americana e ex-gerente desta emissora). A Rádio Clube de Americana operava em 580 quilohertz, com 1000 watts de potência e atingindo um raio de 120 quilômetros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quer para Americana, quer para qualquer município brasileiro, a prática política e sua conseqüente interferência junto ao governo federal, era e é fundamental para a obtenção de concessões de emissoras de rádio e posteriormente de televisão.

Durante o governo do Presidente da República José Sarney, perto de mil novas emissoras de rádio e televisão surgiram no cenário nacional. A influência política, mais uma vez, demonstrou estar presente na obtenção das referidas concessões, haja vista os “conchavos” políticos que estiveram ligados especificamente ao aumento do período do mandato presidencial de quatro para cinco anos.



Inequívoca a força política dos meios de comunicação que agora passam a atingir interesses também religiosos e de toda a natureza que implique no alcance das massas.

Desde cedo, sua estratégica linguagem acessível à maior parte da população consagrou as emissoras de rádio como as interlocutoras do desejo político aos anseios dos ouvintes. São as emissoras de rádio, inicialmente transmitidas pela frequência AM, as formadoras da opinião pública.

O entretenimento, por meio das novelas de rádio, programas musicais, esportivos ou mesmo a atualização dos fatos pelo jornalismo radiofônico, são os caminhos que atraem e conseqüentemente adaptam-se às necessidades regionais da audiência das emissoras.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANT'ANNA, Armando. Propaganda: teoria, técnica e prática. 7.ed. São Paulo: Ed. Pioneira, 1998/2001. (Biblioteca Pioneira de arte, comunicação, arquitetura e urbanismo).

MARTINS, Zeca. Propaganda é isso aí!: um guia para novos anunciantes e futuros publicitários. São Paulo: Ed. Futura, 1999.

MEDITSCH, Eduardo. A Rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Coimbra: Ed. Minerva, 1999.

RÁDIO no Brasil: tendências e perspectivas. Nélia R Del Bianco (org), Sônia Virgínia Moreira (org). Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

MCLEISH, Robert. Produção de rádio: um guia abrangente da produção radiofônica. São Paulo: Ed. Summus, 2001. (Novas buscas em comunicação).

MOREIRA, S.V. O Rádio no Brasil: Rio Janeiro: Editora Rio Fundo, 1995.

ORTRIWANO, G. S. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

JORNAL O LIBERAL de Americana - arquivo